
JAZZ

20 FEVEREIRO '08

TOMASZ STANKO

QUARTET

LONTANO

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



QUA 20 FEVEREIRO 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1h30 · M/12

Trompete Tomasz Stanko
Piano Marcin Wasilewski
Contrabaixo Slawomir Kurkiewicz
Bateria Michal Miskiewicz

Uma mágica incursão pela liberdade

Não têm conta as vezes que tentei começar este escrito, tão custoso e precário se torna dar ao espectador deste concerto uma ideia clara da música que o pode esperar durante a próxima hora e meia.

E talvez pela primeira vez (o que, convenhamos, não é muito abonatório) vejo-me perante a evidência de que nenhuma música deve correr o risco de ser perturbada por uma introdução ou explicação porventura inútil – porque sempre insuficiente ou equívoca ou mesmo pleonástica – sendo talvez preferível que a ouçamos com um espírito de plena abertura à descoberta e ao desconhecido e, sobretudo, despertos por uma generosa disponibilidade auditiva.

Em todo o caso, a encomenda foi feita e há que cumpri-la. Ainda por cima, existe um aspecto verdadeiramente singular no conceito de abordagem que

Tomasz Stanko e o seu notável quarteto por certo irão propor-nos hoje, ao partirem, como se anuncia, de um repertório que deverá percorrer o conteúdo do último álbum, *Lontano*, gravado pelo grande músico em Novembro de 2005 e publicado pela ECM no ano seguinte. E essa singularidade, parecendo-me merecer um sublinhado específico, liga-se a uma característica comum (em maior ou menor grau) a todo o jazz mas que, em *Lontano*, assume contornos únicos e formas de desenvolvimento totalmente invulgares: a improvisação.

É preciso dizer-se, num necessário aparte que pode ser aprofundado ao cotejar as notas biográficas insertas noutra local desta folha de sala, que Tomasz Stanko pertenceu à primeira geração dos grandes músicos europeus que, no Velho Continente, percorreram



a partir dos anos de 1970 os aventureiros trilhos do *free jazz* e da vanguarda de então. Estávamos num tempo em que a componente aleatória e o carácter incidental da música criada no campo do jazz eram muito presentes, a par de uma expressividade sónica e de uma energia instrumental sem limites, influenciadas em alto grau (embora conceptualmente distintas, quanto aos pressupostos ideológicos) pelos ecos do *free jazz* de origem afro-americana, reflexo de uma realidade social muito diversa.

Mas esta era apenas uma face, aliás jamais renegada e até levada a extremos arrebatadores, da personalidade musical de um Tomasz Stanko que ainda mergulhou nas experiências com a electrónica e a fusão. No outro prato da balança, sempre pesou na sua música o gosto

pela forma e pela estrutura, a paixão pelo culto do som, a aposta no lirismo como uma das suas decisivas expressões musicais e uma certa delicadeza e sofisticação aristocráticas que se confundem com a própria cultura e arte da sua Polónia natal.

Neste sentido, percebe-se quão importante e decisiva foi também, na formação musical do trompetista, a grande música de Krzysztof Komeda, esse malgrado pianista de jazz e compositor para o cinema, muito cedo desaparecido e que tanto o influenciou; a par da admiração pela obra de dois mestres do jazz norte-americano como foram, com diversos graus de importância, um Miles Davis ou um Chet Baker.

Descontadas as óbvias diferenças em termos de pertença e herança cultural,



não deixa de ser curioso, a este propósito, poder traçar-se um paralelo entre Tomasz Stanko e outros dois importantes músicos europeus (por sinal também trompetistas!) como o italiano Enrico Rava ou o britânico (de origem canadiana) Kenny Wheeler, quanto aos pontos de contacto que se detectam nos três, em termos de percurso estético.

Retomando o fio à meada e admitindo a quase-certeza de que parte substancial da música que iremos ouvir em palco (duas ou três versões da peça *Lontano*) é totalmente improvisada – ou seja, nem sequer nasce, como é hábito no jazz mais convencional, da exposição de um dado tema previamente escrito, organizado sobre uma dada estrutura harmónica e sustentado por um dado tempo rítmico – concluiremos, entretanto, que nem

toda a chamada *música livre* tem por base motivações idênticas, conduzindo aos mesmos resultados artísticos.

Não é aliás por acaso que, no alinhamento do disco *Lontano*, a autoria desta peça homónima surge sempre atribuída aos quatro componentes do quarteto. Mas o que, de facto, mais impressiona em Stanko e seus pares é essa postura comum perante o desenvolvimento partilhado de um material que se vai construindo à medida que é tocado, assim se reforçando o lado de *composição* que, no jazz, toda a *improvisação* digna desse nome encerra.

Ao contrário do que é prática comum em certo *free jazz* de expressão mais radical e convulsiva, no qual a improvisação colectiva as mais das vezes se pratica através da soma de discursos emitidos

(e quase «impostos») em simultâneo, quando não em intensos e deliberados *clusters* cacofónicos, a estratégia de livre improvisação do quarteto de Tomasz Stanko é totalmente diversa.

O que aqui se privilegia e encoraja de forma natural e num ambiente de alta concentração racional e contida emoção, é a interacção sequencial e a complementaridade linear – *horizontal* e não *vertical* – de pequenas intervenções e sugestões individuais que se vão completando, ampliando e sendo incorporadas num todo cuja coerência orgânica parece nascer (não o sendo) de uma qualquer outra lógica que não seja (como o é) a crescente identificação criativa entre os vários actores envolvidos nesta dramaturgia.

Esta observação não pressupõe, da parte do escriba, qualquer valorização ou escolha entre uma e outra opções em matéria de *improvisação livre* mas a mera constatação de uma distinção essencial quanto aos legítimos propósitos que diferentemente as animam.

Interessante é ainda referir que, no caso específico do quarteto de Tomasz Stanko, este engenhoso modo de encarar o binómio composição-improvisação conduz a uma constatação subjectiva, passe o paradoxo: a de que, afinal, quase nada parecerá distinguir, em termos de unidade conceptual, as peças nascidas da improvisação livre e outras cuja matriz temática foi previamente escrita e que por certo também ouviremos hoje.

É assim que *Tale*, essa nova abordagem da composição pela primeira vez tocada no álbum *Balladyna* (ECM, 1975), ou os novos e magníficos originais incluídos em *Lontano* – como *Cynthia*, *Song for*

Ania, *Sweet Thing* ou *Trista* – nos soarão integrados (e sem forçar a nota) num *continuum* laboriosamente articulado, como se de uma longa e unificada *suite* se tratasse.

Diga-se ainda, por ser da maior justiça, que os três músicos de eleição que Stanko traz consigo – e em relação aos quais vénia especial tem de ir para a cristalina musicalidade de Marcin Wasilewski (piano) – se arriscam a ficar associados à histórica e multifacetada carreira do trompetista. Tal como o ficaram, de uma outra entusiasmante forma, os inesquecíveis Bobo Stenson, Anders Jormin e Tony Oxley, em duas outras obras fulcrais do trompetista: *Matka Joanna* (ECM, 1995) e *Leosia* (ECM, 1997).

MANUEL JORGE VELOSO

Blog *O Sítio do Jazz*

http://o_sitio_do_jazz.blogs.sapo.pt

Fevereiro, 2008



fotografia: Andrzej Tyszkowski / ECM Records

TOMASZ STANKO tinha 20 anos e uma licenciatura na Academia de Música de Cracóvia quando formou a sua primeira banda, os Jazz Darings, com o pianista Adam Makowicz, em 1962. Inspirado por Ornette Coleman e pelas inovações de Coltrane, Miles Davis e George Russell, o grupo é muitas vezes citado por historiadores de música como a primeira banda europeia a tocar *free jazz*.

Para o trompetista a sua importância foi eclipsada pelo convite que teve para se juntar, em 1963, ao quinteto do pianista Krzysztof Komeda (1931/1969), o grande precursor do jazz polaco. Stanko admitiu que muito da sua subsequente orientação musical e o seu próprio estilo como compositor foram influenciados por Komeda. “O lirismo, a sensibilidade para tocar apenas o essencial, a abordagem da estrutura, da assimetria, muitos pormenores harmónicos... tive muita sorte em começar com ele”. Durante cinco anos Stanko andou em digressão com Komeda, participou em onze álbuns dele e em todas as bandas sonoras que o pianista compôs na Polónia.

Em 1970, após a morte de Komeda, Stanko juntou-se à Globe Unity Orchestra de Alexander von Schlippenbach, o que lhe permitiu contactar com figuras-chave do jazz europeu de vanguarda, e formou também um quinteto com o violinista Zbigniew Seifert. No ano seguinte colaborou com Krzysztof Penderecki e Don Cherry. Mas o seu trabalho mais importante da década de 70 talvez tenha sido com o baterista finlandês Edward Vesala.

A sua série de álbuns em quarteto, dos quais *Balladynai* (1975, ECM) foi o primeiro, apontou para novas direcções da balada *free*, ornamentada com um trompete cheio de alma e granuloso. Stanko também deu uma importante contribuição no álbum de Vesala *Together*, que reunia improvisadores Nórdicos/Bálticos.

Durante os anos de 1980 Tomasz Stanko explorou várias aproximações à improvisação. Viajou com Vesala à Índia e gravou solos de trompete no Taj Mahal; ainda com Vesala, juntou-se a Chico Freeman e Howard Johnson em Nova Iorque. Trabalhou muito com Cecil Taylor em grandes ensembles e liderou alguns grupos seus como COCX, que desenvolvia ritmos rock e electrónica livre e uma exploração, avançada para o seu tempo, de opções electro-acústicas, e Blushi, um trio com Arild Andersen e Jon Christensen que precedeu o seu regresso à editora ECM.

Desde que reassumiu a sua colaboração com a ECM, com *Matka Joanna*, em 1994, Stanko conseguiu novos públicos para o seu trabalho. Duas gravações com o seu quarteto internacional com Bobo Stenson, Anders Jormin e Tony Oxley, foram seguidas por um tributo, com muito sucesso, a Krzysztof Komeda, em 1997. O seu projecto *Litania* (ECM, 1997) tornou-se numa presença constante no circuito dos festivais. Em 1998 o produtor Manfred Eicher (o “patrão” da ECM) juntou um grupo de músicos de várias nacionalidades em torno de Stanko na gravação de *The Green Hill*, em que participaram Dino Saluzzi, John

Surman, Michelle Makarski, Anders Jormin e Jon Christensen. *The Green Hill* recebeu da crítica alemã o Deutscher Schallplattenpreis como álbum do ano de 2000.

Para além da actividade referida, Tomasz Stanko foi sempre mantendo um quarteto polaco que se foi tornando uma prioridade para ele. O pianista Marcin Wasilewski, o contrabaixista Sławomir Kurkiewicz e o baterista Michał Miskiewicz já tocavam juntos como um (muito) jovem trio quando Stanko os ouviu no início dos anos 90 e em 1994 começaram a tocar em conjunto, inicialmente em concertos, alguns dos quais foram gravados para a editora polaca Govi. Rapidamente se tornou na sua banda favorita para todos os concertos na Polónia e na execução de bandas sonoras para filmes. Pianista, contrabaixista e baterista também construíram a sua reputação como trio, com o nome Simple Acoustic Trio. *Soul of Things* (2002) foi a primeira gravação do quarteto.

Soul of Things é Stanko, é o som do seu trompete intenso, escuro, imediatamente identificável. O disco é um conjunto de baladas, cheias de um lirismo eslavo, designadas apenas por Variações 1-13. A música alude, de passagem, a temas que Stanko escreveu para filmes, e outras peças suas, como *Maldoror's War Song* são também citadas. Mas como Stanko diz, “Tenho tocado a mesma canção toda a minha vida”. Os títulos, por outras palavras, acontecem depois do facto; o que interessa é a profundidade emocional, uma constante nas diferentes fases e formas que a música de Stanko tem tomado ao longo dos anos. Há uma

sensibilidade “fora do tempo” em *Soul of Things* que remete para as raízes de Stanko enquanto músico. Foi em 2002 que Tomasz Stanko recebeu o European Jazz Price como artista do ano.

O disco teve um grande sucesso junto do público e da crítica e o grupo fez numerosas digressões em ambos os lados do Atlântico. O álbum seguinte, *Suspended Night* (2004), baseia-se na moldura conceptual do seu antecessor – salvo o primeiro tema, todos os outros se chamam “Suspended Variations” de I a VII – mas a parte improvisada expande-se na medida em que todos os participantes têm mais espaço para os seus solos e mais oportunidades.

Em 2004 o quarteto passou grande parte do ano na estrada, com digressões pela Inglaterra, Alemanha, Áustria, Suíça, Espanha, Estados Unidos, Itália, Polónia. Nesse ano Stanko foi condecorado com a Ordem da “Polónia Restituta” a segunda mais importante condecoração civil do seu país. E programou dois festivais internacionais de jazz na Polónia que foram um enorme sucesso.

Em 2005 o quarteto fez nova digressão pelos Estados Unidos, com início em Nova Iorque e no lendário clube Birdland, sempre com casas esgotadas. Nesse ano gravaram o seu terceiro álbum, *Lontano*, que está na base do concerto desta noite, e que saiu em 2006.

Traduzido, com adaptações, da biografia que consta do site do músico, www.tomaszstanko.com

PRÓXIMO ESPECTÁCULO
MÚSICA DOM 24 DE FEVEREIRO

Clássicos do Século XX

Concerto comentado
por Ana Telles

GRANDE AUDITÓRIO · 11h00 · DUR. 1h00 · M/6

Orquestra Metropolitana de Lisboa
Clarinete Nuno Silva
Maestro Jean-Sébastien Béreau
Coro de Câmara da Universidade de Lisboa

Programa
Claude Debussy
Rapsódia para Orquestra e Clarinete
Bela Bartók
Dois Retratos, Op. 5
Olivier Messiaen
Três Pequenas Litúrgias

Neste concerto são interpretadas obras de três grandes compositores do século XX. Se bem que não sejam as mais carismáticas dos seus catálogos, constituem manifestas demonstrações da mestria que nos habituámos a associar aos seus autores e à singularidade da proposta artística com que cada um deles confrontou a sua época.

A *Rapsódia para Orquestra e Clarinete* é, apesar do título, um extraordinário exemplo de consistência discursiva.



Orquestra Metropolitana de Lisboa

Nela revela-se plenamente a identidade musical debussyniana: a ruptura com a previsibilidade formal, a exploração dos recursos tímbricos instrumentais, a desintegração das linearidades rítmica e dinâmica e o imaginário sonoro conotado com o Impressionismo e o Simbolismo.

Já os *Dois Retratos* de Bartók demonstram a meticulosa consciência com que o compositor húngaro sempre trabalhou os “materiais” rítmicos e melódicos, numa prodigiosa síntese entre uma postura assumidamente modernista e as tradições clássica e popular.

Por último, Messiaen deixou-nos nestas suas *Três Pequenas Litúrgias* um valioso testemunho da concepção da arte como manifestação da fé religiosa. Trata-se de uma partitura para piano, cordas, percussão e coro feminino onde se estabelece uma ambiência introspectiva particularmente propícia à contemplação.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55
WWW.CULTURGEST.PT
Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego
1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
Manuel José Vaz
VICE-PRESIDENTE
Miguel Lobo Antunes
VOGAL
Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES
DANÇA
Gil Mendo
TEATRO
Francisco Frazão
ARTE CONTEMPORÂNEA
Miguel Wandschneider
SERVIÇO EDUCATIVO
Raquel Ribeiro dos Santos
Carmo Rolo ESTAGIÁRIA

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO
Margarida Mota
PRODUÇÃO E SECRETARIADO
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio
Judite Jóia

EXPOSIÇÕES
PRODUÇÃO E MONTAGEM
António Sequeira Lopes
PRODUÇÃO
Paula Tavares dos Santos
MONTAGEM
Fernando Teixeira
CULTURGEST PORTO
Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO
Filipe Folhadela Moreira
Marta Fernandes ESTAGIÁRIA
Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS
Catarina Garmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
E FINANCEIROS
Cristina Ribeiro
Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA
Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES
Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA
José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS
Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM
Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO
Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA
Fernando Ricardo CHEFE
Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA
José Luís Pereira CHEFE
Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR
Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA
Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA
Manuela Fialho
Edgar Andrade

RECEPÇÃO
Teresa Figueiredo
Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO
Nuno Cunha